

Só mais uma história de Natal

MILENE BAZARIM

Tenho que lhes contar um segredo: no dia de Natal, sempre me bate uma tristeza...

Quando era criança, até os nove anos, achava que ficava triste porque nunca ganhava o presente que tanto queria. Minha mãe, desde sempre, ensinou-me que Papai Noel não existe. Talvez para não criar uma falsa expectativa em mim, ela me explicava que eram os pais das crianças que compravam os presentes e deixavam na árvore. Não que lhe faltasse vontade de me dar a tão sonhada bicicleta, não que eu não merecesse ganhar uma bicicleta...

Ainda me lembro daquele 24 de dezembro de 1988. Eu tinha acordado muito bem-disposta, afinal estava de férias, era um sábado ensolarado e véspera de Natal. Embora minha mãe me desencorajasse, lá no fundo, eu sempre acreditava que algo mágico pudesse acontecer. Na verdade, para mim, o simples fato de montar a árvore de Natal e o presépio, um raro momento no qual eu e minha mãe conseguíamos fazer algo juntas, já era motivo para achar a época do Natal fantástica.

No entanto, naquele sábado, ainda que 24 de dezembro, minha mãe não parecia nem feliz nem animada. Notava sua preocupação ao passar o café no coador de pano reaproveitando o pó de ontem, via-a raspando o resto do açúcar no pote, esquentando o pão dormido com o pouco de margarina que ainda existia no tablete. Ela

me avisou que iríamos encontrar meu pai, que morava em outra cidade, e isso me deixou muito empolgada. Comi apressadamente. Era véspera de Natal, quem sabe, ao chegar lá, eu teria uma surpresa: a minha tão sonhada bicicleta...

A caminho da estação de trem, eu mal cabia em mim de tanta felicidade, não andava, saltitava e distribuía sorrisos. A todos os conhecidos que encontrava, ia logo dizendo “Feliz Natal e Próspero Ano Novo”. Eu não sabia bem o que significava próspero, mas achava uma palavra bonita e já que eu tinha decorado a frase, por que não dizê-la?

Chegamos à cidade do meu pai. A praça principal de Suzano estava linda. A igreja matriz toda decorada e eu logo imaginei como ficaria à noite, toda iluminada. Havia música e várias barracas vendendo cartões, brinquedos, artesanato e todo o tipo de quitute. Era tudo tão bonito! Tão espetacular! Era a magia do Natal! E eu me animava cada vez mais e mais, algo me dizia que este seria um Natal inesquecível.

Como estava demorando muito para encontrarmos meu pai, tive tempo de visitar cada barraca, de olhar com atenção muitos dos cartões e ler as mensagens que cada um trazia. Todas muito positivas, falando sobre fé, esperança, amor e, principalmente, sobre o nascimento de Jesus.

O sol já estava baixando quando a fome e o cansaço diminuíram um pouco o meu entusiasmo. Estava começando a pen-

sar que não encontraríamos o meu pai... Mas e se tudo não passasse de um plano do meu pai e da minha mãe para saber se realmente eu merecia a bicicleta? Meu comportamento estava sendo observado e eu tinha que provar que era digna do meu presente. Então, decidi não reclamar de nada, nem da fome, nem da sede, nem do calor, nem do pé dolorido, nem da cabeça doendo.

Mais uma vez, fomos à padaria Posquim. E, finalmente, lá estava meu pai...

Abri um sorriso do tamanho do mundo quando o vi. Quis abraçá-lo e beijá-lo... Mas ele não parecia tão feliz quanto eu ao vê-lo. Antes que ele falasse qualquer coisa, minha mãe se antecipou e disse: “a menina está sem almoçar”. Ele simplesmente mandou pedir o que quisesse. É claro que eu pedi um super x-salada e uma coca-cola bem gelada. Fiquei tão concentrada vendo o preparo do meu lanche que não prestei atenção à conversa dos dois. Apesar de ter apenas nove anos, eu já sabia quando era melhor não ouvir o que os adultos diziam. No entanto, eu pude perceber que o tom não era nada cordial.

Quando terminei de comer, vi minha mãe guardando algo na bolsa. Ao perceber que eu tinha terminado, ela falou: “diga ‘tchau’ ao seu pai”. Eu até tentei abraçá-lo novamente, mas ele já tinha se virado e acho que nem ouviu quando eu disse: “Feliz Natal e Próspero Ano Novo, pai”.

Chegamos a nossa cidade e já estava começando a anoitecer. Perto da passarela de Ferraz de Vasconcelos, no entanto, ainda havia alguns camelôs trabalhando. Nós paramos para olhar, e eu vi uma saia rodada preta com listras brancas. Minha mãe me perguntou se eu queria e eu mais que rapidamente aceitei. O vendedor até embrulhou no papel de presente. Mal sabia ele que, por mim, eu já teria saído dali vestindo a saia.

Passamos no mercadinho do bairro, surpreendentemente ainda aberto, e, além das coisas do dia a dia, minha mãe comprou várias gostosuras: frango assado, figo em calda, creme de leite e panetone. Era Natal! Teríamos uma ceia deliciosa e até sobremesa. Nem reclamei de subir a ladeira do Tanquinho com as sacolas

pesadas.

Ao chegar à rua da minha casa, encontrei meus colegas que estavam brincando. Mais do que rapidamente, tomei um banho e vesti a minha saia nova. Foi quando percebi que não tinha nem blusa nem sapato novos para usar com ela... Sem problemas, a blusa branca do uniforme da escola e a minha sandália de tiras brancas, quase novinhas, combinavam perfeitamente com a minha saia. Era véspera de Natal, todo o resto não passava de um mero detalhe. Antes de sair para brincar com meus colegas, caprichei no desodorante, no penteado e no batom. Eu me olhei no pequeno espelho do banheiro e, mesmo só conseguindo ver o meu rosto, me achei linda. Eu estava tão feliz.

A rua estava mais movimentada do que o de costume. Afinal, era véspera de Natal! E, nesse dia, as pessoas costumam ficar contentes e mais amigáveis. Até a Dona Alice, que sempre estava de cara feia e reclamando do barulho que fazíamos na frente de sua casa, saiu sorridente e, quando eu gritei “Feliz Natal e Próspero Ano Novo Dona Alice”, ela respondeu “pra você também”... Poxa, pensei, bem que podia ser Natal todo dia.

Nisso, aparece o filho da vizinha da frente. Ele era o riquinho da rua. A mãe dele não deixava que ele brincasse conosco. Mas era véspera de Natal! Ficamos boquiabertos com a bicicleta nova dele: estava ali, brilhando diante de nossos olhos, uma Caloi com marcha.

Sem sequer descer da Caloi ou dizer “Feliz Natal e Próspero Ano Novo”, ele já chegou perguntando o que cada um tinha ganhado de presente. Um a um meus colegas foram falando: “meu bebê da Estrela”, “banco imobiliário”, “bola de futebol de couro” etc.

– E você, filha da Graça, o que ganhou? – perguntou ele num tom de deboche.

– Eu tenho nome, é Milene, e eu ganhei esta saia.

– Só isso? Isso não é nem brinquedo... É roupa e da feia...

Nem preciso dizer que meu espírito natalino não foi suficiente e que minhas amiguinhas, Priscila e Shirley, tiveram que me segurar para eu não derrubá-lo da bicicleta e não descer-lhe o cacete...

“Não liga pra ele”, “Ele é um chato”, “Ninguém gosta dele”, “Ele não foi convidado para brincar com a gente”, “A sua saia é bonita”, “O importante é que você ganhou algo”...

Quando dei por mim, eu já estava sentada diante da mesa da minha casa totalmente emburrada. Nem o cheiro da deliciosa macarronada me fez mudar a cara amarrada. Minha mãe me conhecia muito bem, então, logo perguntou: “O que foi Mica?”

– O que foi, mãe? Na verdade, o que não foi, né? A senhora pode me explicar por que eu, que me esforcei o ano inteiro para ser uma boa aluna, sempre tirando as melhores notas da minha sala, respeitando meus professores e ajudando meus colegas; eu, que sempre arrumo a cama, lavo meu uniforme e a louça, varro a casa e até já aprendi a fazer arroz, ganhei de presente de Natal só uma saia de camelô da passarela, enquanto o filho da vizinha, que foi suspenso da escola, que não respeita os professores, nem os colegas, nem a própria mãe, ganhou uma Caloi?”

Minhas palavras saíram como um trovão. Quando olhei para minha mãe, eu me arrependi amargamente de ter feito aquela pergunta, mas já era tarde. Ela se virou para o fogão e falou: “O problema não está em você, mas no pai que sua mãe te deu... O vizinho tem a sorte de ter uma mãe que lhe deu um bom pai.”

Imediatamente, eu me levantei, abracei minha mãe e disse: “Esta é a saia mais linda e o melhor presente do mundo”. Não era aquele vizinho mal-educado nem a falta de uma bicicleta que me impediriam de comemorar o Natal. Voltei para a rua. Até o momento em que minha mãe me chamou para jantar, brinquei e me diverti muito com os meus colegas que compartilhavam com todos seus brinquedos novos.

Então, por volta das 21 horas, naquele cômodo e cozinha da Rua Rio de Janeiro, número 86, fundos, apenas eu e minha mãe fizemos uma breve oração para agradecer nossa ceia. Comemos e fomos dormir em paz e, por que não, felizes?

É verdade, eu não ganhei a bicicleta nem naquele nem em nenhum outro dia de Natal. No entanto, isso não foi o suficiente para me deixar triste nem naquele nem em qualquer outro 25 de dezembro. Eu continuei me dedicando cada vez mais aos estudos, esforçando-me, não só para tirar as melhores notas, mas, sobretudo, para aprender tudo o quanto me era ensinado e para dividir tudo o quanto eu aprendia com os meus colegas.

Aos nove anos de idade, eu tive sim um Natal inesquecível. Nele, eu aprendi que felicidade não é sobre o que temos, mas sim sobre quem temos e sobre quem somos. Eu compreendi que em tudo o que fizesse, eu deveria simplesmente dar o meu melhor sem esperar reconhecimento ou recompensa, principalmente material. Nesse Natal, eu fui ensinada a usar as coisas, a amar as pessoas e a curtir cada momento como o presente precioso que de fato é. A partir desse Natal, eu tive a certeza de que algumas presenças até poderiam me deixar mais feliz, mas que nenhuma ausência deveria me entristecer.

Eu fico um pouco triste porque eu sei que o dia 25 de dezembro acaba, assim como todos os outros dias... E junto com o dia 25 de dezembro parece que termina também a solidariedade, a generosidade e a gentileza que toma conta das pessoas no dia de Natal.

SOBRE A AUTORA

Milene Bazarim possui graduação em Letras pela Universidade Federal do Paraná (2002), especialização em Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa (2004) e mestrado em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (2006). Está cursando o doutorado em Ciências da Linguagem na Universidade Católica de Pernambuco. Atualmente, é professora assistente da Unidade Acadêmica de Letras (UAL) da UFCG.